

Reflexões acerca da violência, pós-modernidade e transformações nos processos de subjetivação

David Léo Levisky*, Porto Alegre

O autor parte da relevância qualitativa e quantitativa da formação dos vínculos afetivos para o desenvolvimento das atividades representacionais do psiquismo. Signos, símbolos, significados e significantes são determinados pela ação recíproca sujeito-família-cultura. A vida relacional contém a cultura e nela intervém graças à criatividade humana e suas múltiplas linguagens na constituição dos processos de subjetivação. São processos psíquicos complexos que sofrem transformações e mutações em diferentes velocidades. As características simbólicas da modernidade e da pós-modernidade são analisadas em seus aspectos representacionais. Destas transformações surgem questões metapsicológicas conseqüentes às mudanças impostas ao ego, superego, ideal de ego, mecanismos de defesa, estrutura narcísica, funções perceptivo-cognitivas. O autor sugere a existência de processos equivalentes aos lutos vividos pelos adolescentes com desinvestimentos e reinvestimentos dos significados e dos significantes necessários para sua adaptação às novas circunstâncias existenciais individuais e coletivas.

Palavras-chaves: representação simbólica, cultura, vínculos, aparelho psíquico, subjetivação, violência, pós-modernidade.

* Psicanalista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Especialização nas áreas da infância e juventude. Psiquiatra. PhD em História Social (USP).

Os vínculos afetivos estabelecidos precocemente na vida do bebê a partir do nascimento, e até mesmo antes dele, dão ao ser humano condições para o desenvolvimento das atividades simbólicas que vão constituir o sujeito com sua identidade e subjetividade na apreensão do mundo dentro de um contexto cultural.

A vida relacional contém a cultura e nela intervém graças à criatividade humana e suas múltiplas linguagens construídas ao longo do desenvolvimento individual e coletivo. São processos psíquicos complexos que resultam de ações recíprocas entre sujeito e cultura com consequentes transformações e mutações que ocorrem em diferentes velocidades ao longo do tempo.

Para fins didáticos e de pesquisa, o homem, ao tomar distância, tenta se tornar observador de si mesmo classificando ao longo da história suas várias idades, desde os primórdios do homem das cavernas até os dias atuais. Mudamos, mas conservamos em nós o animal que já fomos e que se faz presente em determinadas circunstâncias da vida atual.

A cultura resulta das capacidades neuroquímicas e funcionais de nossa constituição genética que permite ao ser humano desenvolver uma atividade representacional. Formam-se signos, símbolos, significantes e significados por meio de suas múltiplas linguagens e sintaxes que se iniciam por processos complexos de imitação, projeção e de introjeção, transmissões transgeracionais que participam da construção dos vários aspectos que compõem a identidade individual, familiar e social. Há na mente humana aspectos universais e duradouros como as reações diante da vida, da morte, da dor, da frustração, do medo, da esperança. Porém cada um desses aspectos é vivido de forma diferente em correlação com sua cultura e época nos vários níveis de subjetivação. Graças a esses significantes e significados, podemos fazer discriminações, analisar, confrontar, julgar e agir de acordo com as configurações individuais, familiares, grupais desses níveis de subjetivação e cultura.

Portanto, temos aspectos universais aparentemente estáveis, mas que se transformam, pois não são eternos. O complexo edípico do homem da Antiguidade não é idêntico ao do homem contemporâneo. As triangulações estão presentes e são fundamentais para a espacialização e desenvolvimento da atividade representacional; entretanto, as características simbólicas das figuras parentais mudam com as culturas (Attali, 2007). Demonstrei (tese defendida em 2004 – Departamento de História da USP – publicada em 2007 – análise histórico-psicanalítica do texto de Guibert de Nogent, monge católico francês do século XII) que a adolescência é um fenômeno universal do homem simbólico, mas sua expressividade é variável de cultura para cultura ao longo dos tempos.

Isto significa que a cultura

é singularmente humana; somente o homem é capaz de desafiar sua realidade, reivindicando para ela um significado. O processo cultural, portanto, é ao mesmo tempo agente da desordem e instrumento da ordem; lugar da criatividade e também ossatura da regulação normativa. [...] As duas ideias não poderiam ser mais distintas, mas ambas estão presentes – e devem continuar – na ideia compósita de “cultura”, que significa tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; rotina e quebra de padrões; seguir as normas e transcende-las; o ímpar e o regular; a mudança e a monotonia da reprodução; o inesperado e o previsível (Bauman, 1999, p. 18).

Assim sendo, a pós-modernidade caracteriza-se por ser um momento histórico da civilização no qual as grandes instituições que serviram de base para a organização da modernidade estão em *crise*. Isto é, em conflito entre o conhecido e o novo promovido pela globalização, pelas descobertas tecnológicas e pelas novas formas de o homem ser, pensar e agir advindas de suas inquietações e, na ânsia de concretizar fantasias, viver desafios. Suas conquistas são mobilizadas por forças internas de expansão, sonhos, fantasias, necessidades, atenuação do sofrimento e, até mesmo, a ilusão de alcançar paz e felicidade.

As religiões prometem a salvação, a redenção, se não em vida, quem sabe em outra vida após a morte. A ideia de um messias salvador, o grande pai, está profundamente inscrita na mente humana. Uns acreditam que ele já chegou, outros estão à sua espera. Mas há aqueles que buscam se adaptar à realidade possível, outros se refugiam em ilusões ou delírios. O desafio parece estar na questão: como lidar com o sofrimento humano gerado pelo viver?

O surgimento da ética seria uma forma representacional e simbólica de o homem atenuar seu sofrimento para sobreviver a si mesmo diante das incertezas, do amor, do ódio, da criatividade. Ética também vulnerável às mudanças culturais inscritas em seu psiquismo. São movimentos intrínsecos ao homem criador de mitos e utopias diante de suas vulnerabilidades. Estas nos levam à perspectiva de tudo querer controlar, agindo também como propulsoras dos processos criativos de desenvolvimento e transformação.

A pós-modernidade, com seus avanços tecnológicos e visão de mundo, vem liberando singularidades e particularidades dos sujeitos e das instituições, distinguindo-se de outros períodos como a modernidade. Neste, as repressões e

liberações dos significantes e significados das instituições e dos papéis de seus integrantes eram bem definidos e estáveis. Os símbolos representativos daquele período estão agora fragilizados. Os laços simbólicos entre significado e significante são frágeis e múltiplos. Os sentidos se relativizam. Há excessos de estímulos mal elaborados e perdas dos parâmetros internos e sociais que antes ajudavam na percepção dos limites. Indivíduos e instituições estão desorientados sem saber por quais caminhos prosseguir. Fica-se com a impressão de que tudo é possível. São condições geradoras de sofrimento. Uns conseguem se adaptar e integram as mudanças ao seu *self*. Outros transformam o sofrimento em sintomas frente aos conflitos compreendidos por novas metapsicologias em nível estrutural, dinâmico e econômico entre partes do psiquismo. As relações entre aspectos narcísicos, elementos do ego, ideal de ego, superego, mecanismos de defesa e habilidades perceptivo-cognitivas se modificam em seus significados e significantes como conceito de família, identidade sexual, tempo, espaço, público, privado, uso do corpo etc.

Minerbo (2013, p.32) entende que, na pós-modernidade,

As pessoas podem se reinventar com a criação de novas formas de ser e de viver ao contemplar a singularidade do desejo [...] Ao se reinventar já não conta com o apoio simbolizante das instituições [...] É uma tarefa solitária, angustiante e exaustiva [...] A subjetividade tem de se constituir em meio a um estado de “depleção simbólica”, situação em que instituições frágeis não têm lastro, nem credibilidade, para produzir significações operantes.

Na história da civilização houve outros momentos críticos de transição de eras quando o homem da pedra alcançou a idade do fogo e depois a do ferro. Abandonou a vida nômade para se tornar sedentário. Da Antiguidade à Idade Média e ao Renascimento, os modos de subjetivação se transformaram. E, mais rápido ainda, vêm tendo a necessidade de se adaptar às mudanças da era cibernética e consequente globalização com novas transformações nos processos de subjetivação.

Suspeito que, em cada uma dessas mudanças históricas, houve estados transitórios de *depleção simbólica*, uma vez que era necessário desinvestir símbolos dominantes de uma dada época para dar lugar aos símbolos da época nova. As novas introjeções incorporadas ao *self*, ao ideal de ego, ao superego, às identificações narcísicas na relação com o *si mesmo* e com o outro precisavam ser elaboradas até serem partes integrantes do novo sistema pessoal e coletivo. Leva-se certo tempo até que se alcance um estado transitório de estabilização frente aos

investimentos das novas formas de representação como, por exemplo, a realidade virtual capaz de despertar prazeres muito próximos da realidade objetiva, podendo, inclusive, gerar confusões no processo perceptivo-discriminatório.

Há casos de crianças e jovens que saem matando. Reproduzem de forma concreta situações do imaginário, do mundo onírico ao realizarem, na realidade objetiva, o realizável na realidade virtual, sem avaliarem as consequências de seus atos. São novos modos de se lidar com os significantes, com os significados, com as novas linguagens internas e sociais.

As inovações humanas graças às suas capacidades criativas e angústias além dos desejos de expansão, de controle e, principalmente, de poder, geram situações cujos desdobramentos são imprevisíveis e imponderáveis até que uma nova ética se estabeleça como fruto dessas experiências.

Na Idade Média, por exemplo, a vida era “dominada por ritmos agrários, livre de pressa, sem preocupação com a exatidão e sem interesse na produtividade” (Le Goff, 1980, p.44). Na pós-modernidade há uma preocupação com a exatidão, com a pressa, com a produtividade, com o lucro, com a precisão conceitual e científica. Os *lutos* resultam dos desinvestimentos dos parâmetros antigos e reinvestimento dos novos como na reforma de uma casa, quando precisamos desinvestir o velho para reinvestir o novo. É algo equivalente aos processos de luto por que passam os adolescentes ao desinvestirem o corpo, o ser e os pais da infância para darem lugar e investirem o novo corpo, as novas vivências e descobertas. Vive-se algo disto também nos processos psicanalíticos identificados pelas resistências à incorporação do material reprimido, ou até então não nomeado e desconhecido, ou incriptado nas memórias. Sofre-se com a descoberta e leva-se um tempo para se adaptar ao *novo* que por certo existe há muito tempo dentro de nós.

Vivemos as angústias provenientes dos *lutos* intrínsecos às transformações e desenvolvimento humanos. Se, no passado não tão longínquo, esses processos de transformações simbólicas eram mais lentos e prolongados, hoje vivemos a intensidade, a velocidade e a globalização dessas conquistas. Alguns se adaptam, outros ficam para trás. Há aqueles que adoecem como único recurso encontrado pelo sujeito para se organizar dentro de sua realidade física, emocional e ambiental. Faz parte dos processos transformadores da cultura. Processos que alteram elementos estruturais, dinâmicos e econômicos do sistema psíquico.

Há estudos que demonstram como os mapas cartográficos do medievo promoveram a evolução do pensamento abstrato, na medida em que os navegadores fizeram mais uso desse recurso que se espalhou para outras áreas do conhecimento humano. A utilização de novos recursos espaciais gerou mudanças anatômicas e

funcionais no hipocampo e em outras áreas do cérebro envolvidas em questões espaciais e de memorização. As inovações tecnológicas da atualidade também estão promovendo o desenvolvimento de novas redes neuronais e de novos sistemas de análise e de confrontação de dados com possíveis alterações a serem identificadas a partir das experiências e vivências que as realidades virtuais estão promovendo (Carr, 2011).

Freud (1930), em *El malestar en la cultura*, deixa claro que o homem não tem escapatória, visto que, ao tentar se integrar na realidade, precisa lidar com o sofrimento que daí advém. Ele sofre quando as instituições são frágeis e se queixa quando elas são fortes. Mesmo quando ele está feliz e realizado, suporta por pouco tempo esta condição, pois surgem demandas internas ou externas que o tornam inquieto e o fazem sofrer, impelindo-o a buscar novas condições de equilíbrio.

A atividade simbólica, aquisição do homem ao longo da civilização, é uma função em contínua transformação. Há aspectos representacionais duradouros com símbolos que se preservam ao longo dos tempos. Alegria e dor estão presentes em todas as culturas e tempos, mas o que gera esses sentimentos varia. Podem mudar tão lentamente que aqueles que estão imersos no processo não o percebem.

Há significados e significantes simbólicos que mudam com grande rapidez como a moda e o significado de certas palavras entre os adolescentes ou em certos textos da Internet. Já vimos que mudanças de valores, inovações tecnológicas alteram significados e significantes em relação aos usos que deles fazem os homens. Os conceitos de si mesmo, de liberdade, autodeterminação, público, privativo, tempo e espaço, excessos e limites têm variado ao longo das civilizações. São fatores que interferem na constituição das fantasias, dos processos identificatórios, na predominância dos mecanismos defensivos, na estruturação do ego, dos ideais de ego, das organizações narcísicas.

Somos agentes modificadores e vítimas das nossas próprias ações e de outras que independem de nosso controle, alertados por Freud sobre as dualidades e ambivalências da mente humana representada pelo antagonismo de afetos: vida e morte, amor e ódio, construção e destruição. É parte da natureza humana se aproximar da desordem para reencontrar forças criadoras de nova ordem. É preciso se aproximar da morte para redescobrir o valor da vida.

Um conto judaico ilustra essa questão: Certo dia, o rabino Onias, vendo um homem que plantava uma árvore de crescimento muito lento, perguntou-lhe: “Esperas colher frutos desta árvore dentro de setenta anos?”. O velho respondeu: “Quando cheguei a este mundo encontrei e aproveitei das árvores de meu pai e do

pai de meu pai plantadas há muito e muito tempo. Por que agora eu não faria o mesmo para aqueles que virão muito depois de mim?”¹

O fato é que essa transmissão está sendo ameaçada pela velocidade, intensidade e rapidez das comunicações globalizadas, desenraizando culturas. As novas árvores plantadas são cortadas com tal rapidez que, no extremo e sem cuidados, se transmitirá um deserto simbólico como as patologias do vazio. Um homem do medievo teria dificuldades para aceitar e se integrar aos valores da atualidade. O mesmo pode ser dito em relação ao homem contemporâneo que fosse viver no medievo. Ambos sofreriam muito para se adaptar.

Suspeito que esse estado instável da atualidade seja transitório, pois já houve épocas equivalentes como na Idade Média, em que Deus e a Igreja representavam a salvação do homem. Mas foram substituídos pelo racionalismo e cientificismo. Entretanto, vemos hoje uma exacerbação da religiosidade e das religiões nas telas das TVs, a qualquer hora do dia e da noite. A religiosidade está sempre presente, porém se expressa de modos diferentes de acordo com a cultura e suas instituições religiosas. O deus dos povos monoteístas é compreendido e sentido na singularidade e particularidade de cada sujeito e época. São oscilações incessantes da cultura em busca de parâmetros estáveis que reassegurem a estabilidade da vida interior e social. Estabilidade que dura certo tempo até que se desestabilize com as novas conquistas, demandas e buscas de novos estados de equilíbrio. Contudo, não devemos esquecer que a balança pode quebrar e faltar gente para depois contar a história.

A necessidade de encontrar o equilíbrio psíquico sempre se fez presente no homem simbólico, mas os recursos internos e externos para alcançá-lo são variáveis de sujeito para sujeito, de sociedade para sociedade, de cultura para cultura.

O homem contemporâneo contém memórias, sistemas simbólicos e linguísticos conflitantes entre passado e presente que se chocam entre si ou que não se comunicam. Situações que aumentam os níveis de tensão interna. A arte, como forma de linguagem, expressa o conflito, fantasia, anseio, dor, amor, sexualidade, esperança por meio de suas escolas, correntes e movimentos. Ela reflete um momento estético da alma. Toca a uns, desagrade a outros e ainda há os que lhe são indiferentes. Esses movimentos ocorrem na interioridade de todos nós.

Não há porque pensar no ser humano de forma homogênea e eterna. A natureza nos tem provido de diversidade de identidades e da extinção de espécies. Tudo muda, apesar de muitos aspectos permanecerem aparentemente constantes,

¹ N.A.: transmissão oral.

pois as mudanças podem ser tão lentas que só serão percebidas no longo tempo. A vida se caracteriza pelo movimento e nisto se incluem as transformações representacionais, os significados e significantes, as memórias, as associações livres e espontâneas das ideias, a criatividade. Cada ser com seu equipamento e cultura busca meios adaptativos para lidar com suas pulsões, das mais primitivas às mais elaboradas. Os choques entre presente e passado sempre podem ocorrer, mormente quando tudo muda com a velocidade e intensidade das comunicações atuais que não enfrentam barreiras nem fronteiras. Muitos mitos e utopias do passado são realizações do homem do presente. Há choques entre resíduos transgeracionais que permanecem ativos em nosso modo de ser (Levisky, 2012 a e b).

Escrevi anos atrás, provavelmente em 1997, um artigo intitulado *Adolescência e violência: sociedade carente de pai e mãe*. Era uma tentativa de compreensão dos motivos causadores da violência social. Naquela ocasião eu responsabilizava a fragilidade e distanciamento dos pais simbólicos tanto nas famílias quanto nas instituições sociais. Havia falta de continência (mãe) e da lei (pai) no direcionamento das pulsões. Hoje, percebo que as questões são mais amplas e complexas, pois envolvem a malha das relações sociais e afetivas dos vários níveis de subjetivação. As redes simbólicas que dão a contenção pessoal e social estão vulneráveis por razões já expostas, lembrando que somos todos agentes modificadores e vítimas das ações construtivas e destruidoras reinantes em nossa sociedade, sem falar do imprevisível e do imponderável. O Holocausto, a bomba atômica podem ser exemplos da imponderabilidade do ser humano.

Portanto, questões de violência na sociedade atual não dependem apenas de segurança pública. *Rolezinho* em shopping ou vandalismos em passeatas são linguagens de fenômenos complexos que podem expressar também convivências conscientes e inconscientes de setores da sociedade, como as mortes nos presídios do Maranhão. Não basta reprimir pondo só a polícia na rua, nem liberar as ações dos baderneiros. É preciso investir em afeto, educação, respeito, solidariedade, dignidade, resgate da ética, condições dignas de sobrevivência. A educação e a prevenção são processos lentos, porém mais econômicos e eficientes em seus resultados. Mas não há consenso de que esse seja o interesse de todos, ainda que, em períodos eleitorais, sirva de bandeira política. Vivemos uma nova *Torre de Babel*.

As malhas dos vínculos afetivos e sociais que dão continência ao sujeito e à sociedade dependem dos tipos de relação que se estabelecem. A ética parece ser o denominador comum, mas ela também está frágil e vulnerável ao processo que nos atinge em múltiplos níveis. O tempo, o esforço individual e coletivo

contribuirão, espero, para o reencontro de uma ética sustentável, favorecida por novos elementos representacionais facilitadores de melhor adaptabilidade individual e coletiva com vistas ao futuro. Até onde se pode exercer pressão e controle na escolha das direções são incógnitas e desafios para o futuro, que já começou.

Alguns poderão beneficiar-se dos processos *terapêuticos* de cada época como a religião, processos hermenêuticos, magias, conselhos, rituais místicos, astrologia para se aliviarem de seus sofrimentos. As religiões tiveram e têm suas funções assim como a psicanálise e outros processos terapêuticos. Em cada época histórica do desenvolvimento civilizatório surgem possibilidades que auxiliam o homem a se equilibrar psiquicamente dentro daquela cultura. Mas sempre há os inadaptados, os que destoam, os que transformam sofrimentos em novos modos de pensar, de ser e de agir. Alguns serão considerados loucos, outros geniais, salvadores da humanidade sofredora. Em nome de Deus, a TV da atualidade nos confirma isso. Há programas religiosos na telinha a qualquer hora do dia e da noite, todos os dias da semana.

A busca da estabilidade está presente e em conflito com a busca do gozo e dos prazeres imediatos. Na modernidade houve maior estabilidade pela solidez das grandes instituições: família, educação, política, religião, ideologia, as quais tinham poderes para determinar a maneira possível e desejável de pensar, sentir e agir, ao unir significado e significante a um sistema simbólico supostamente único e natural (Minerbo, 2013).

Na Idade Média do mundo ocidental, a partir do século IX, com a difusão do cristianismo, o mundo pretendia ser único, natural e universal com a sua expansão. O sistema feudal, o pensamento filosófico e a tecnologia existente permitiam um tipo de visão do mundo cujo equilíbrio psíquico estava definido por seus determinantes simbólicos das instituições da época como o feudal, a Igreja, a família, o exército. Símbolos estáveis cujos valores bem definidos tiveram seu tempo de validade até serem substituídos por outros. Algo equivalente pode ser dito em relação à pós-modernidade ao pôr um fim na modernidade com as novas tecnologias e valores humanos.

Condições que impõem a necessidade de novas buscas em relação ao equilíbrio psíquico interno e social como as organizações narcísicas dando a cada sujeito a possibilidade de buscar sua individualidade, singularidade, particularidade, autonomia e autodeterminação. O mundo globalizado é complexo e descentrado. Cada um pode ser o centro do seu universo, onde o outro nem sempre é considerado como tal, apesar de com ele interagir.

Não estamos suficientemente preparados para enfrentar aspectos da

realidade contemporânea. Mas nossos filhos e netos vivem essa realidade de outra maneira. Já a enfrentam com maior presteza e naturalidade. Porém eles ou seus netos sofrerão até que suas defesas se esgotem, ou sejam insuficientes frente às inovações e pensamentos do homem do futuro. Assim, vulnerabilidade e resiliência são variáveis e dependem de aspectos genético-constitucionais, de processos histórico-psicológicos individuais e coletivos e da cultura. Os heróis de cada época variam em suas expressividades e condições tanto físicas quanto mentais. A resiliência, na visão de Cyrulnik (2003), é: “A arte de navegar nas torrentes”. Ela faz parte do processo relacional entre o mundo íntimo e o mundo externo, onde cada sujeito recebe de uma determinada forma um golpe, uma situação traumática, podendo ou não transformá-la em patologia. Alguns conseguem superar, outros adoecem, pois não se adaptam a si e/ou ao meio. É curioso que, entre tantas diversidades no modo de ser da pós-modernidade, haja também o resgate de tradições culturais estáveis dos negros, dos indígenas, da língua bretã, do ídiche, dos cristãos novos que desejam resgatar a identidade judaica perdida durante a Inquisição portuguesa como a gente de Carção^{2,3}, auxiliados pelas tecnologias da pós-modernidade.

As relações entre os diversos níveis de subjetivação (intra, inter e trans) contemporâneos se ampliam e se modificam rápida e intensamente, fazendo com que alguns sofram mais do que outros. Muitas crianças e jovens da atualidade estão sendo educados dentro de sistemas simbólicos e de representação distintos dos processos pelos quais passou este que vos escreve e muitos dos seus leitores. Os jovens dominam os ícones simbólicos e as linguagens dos vários sistemas de mídia eletrônica como algo do seu dia-a-dia. Enquanto necessito de explicações lógicas das sequências de ações para alcançar um resultado geralmente inferior ao esperado, eles se comunicam com uma agilidade de dar inveja. Lembro-me quando minha tia, que morava conosco por ocasião de minha adolescência, me pedia, a cada manhã, para ligar seu rádio transistorizado e sintonizá-lo. Eu ficava indignado diante da dificuldade dela para girar o botão do liga-desliga, outro para o volume e um terceiro para sintonizar a estação de sua preferência. Achava-a uma tonta e limitada. Só vim a me dar conta das angústias dela quando ganhei

² N.A.: gente de Carção – vilarejo situado ao norte de Portugal, próximo à cidade de Bragança, considerada por muitos historiadores como a capital do marranismo (século XVI). Durante a Inquisição espanhola (1492) muitos judeus fugiram para Portugal, onde, devido à Inquisição portuguesa, se converteram ao cristianismo para sobreviver, ainda que preservando o judaísmo na privacidade.

³ N.R.: segundo Aurélio B. H. (2009), o termo marranismo remete a marrão, designação injuriosa dada outrora aos mouros e judeus; o termo remete a alguém porco, sujo, ou seja, excomungado, o que vem ao encontro da nota do autor sobre a gente de Carção.

(pois não tinha coragem de tomar a iniciativa de comprar) o meu primeiro telefone celular. Precisei pedir ajuda às minhas netas sobre o funcionamento do pequeno monstinho que estava em minhas mãos. Elas me acharam ridículo. Não falaram, mas devem ter pensado: como ele é ridículo, um tonto e limitado. Diante do primeiro computador senti-me um analfabeto. Tive pesadelos na noite que antecedeu sua chegada e sofri por um bom tempo até tornar-me semianalfabeto, como sou hoje.

Esta situação repetida várias vezes por dia, todos os dias, para acessar a conta bancária, falar com a voz mecânica da gravação que manda apertar o 2, o 3, ou o uso de um novo *software*, submete-nos a um tremendo sentimento de insuficiência, baixa autoestima somadas a outras circunstâncias da vida que nos deixam desorientados. Aceitam-se as mudanças e limites ou se adoece. Já ouvi entre carinhos deliciosos: – chi vô, de novo!

Por outro lado, a tendência a desenvolver um estado de aderência aos aparelhos é impressionante. Todos nós que os utilizamos sabemos disso. É uma luta, ainda mais para os jovens ávidos por conexões e descobertas, sentir que o mundo está em suas mãos com um simples *click ou touch*. Sem dúvida a intensidade de estímulos e a velocidade das mudanças podem gerar em alguns um estado de indiferença, de apatia, de vazio, de não elaboração, de aderência contínua aos estímulos de excitação e gozo. É provável que pouco a pouco indivíduo e coletividade descubram mecanismos defensivos do ego eficientes e suficientes na busca de novos estados de equilíbrio psíquico.

No século XV, com a invenção dos tipos móveis na imprensa por Gutemberg e outros, o mundo entrou em crise pelas ameaças que representava a difusão do conhecimento. Quando a primeira cápsula espacial *Sputnik* chegou à lua e pôde ser vista nas telas da TV, muitos duvidaram que aquilo fosse verdade.

Aprendi no curso médico que a homossexualidade era uma doença. Hoje o pensamento dominante leva a crer que é um modo de ser. Entre estas pessoas há aqueles que adoecem mentalmente como qualquer um de nós. Sabe-se que a libido pode buscar em inúmeros objetos sua satisfação. Em uma cultura cujos significantes simbólicos são menos determinantes, abre-se espaço para a aceitação de novas identidades. Gera-se um clima psicológico e social de inclusão na vida social e de maiores possibilidades de aceitação de si mesmo. A escolha do objeto de amor e de desejo depende não só do processo educacional, mas também de questões intrínsecas do sujeito no direcionamento de suas pulsões e na configuração dos múltiplos aspectos que compõem sua identidade. A identidade resulta de um conjunto de elementos fruto da interação afetivo-simbólica com a família e com a cultura. Esta interação gera movimentos recíprocos entre sujeito, família e cultura.

Em uma sociedade mais liberal, a diversidade de possibilidades identificatórias se amplia com maiores oportunidades de inclusão.

Sempre haverá aqueles que terão maiores dificuldades de adaptação e que sofrerão em decorrência de seus conflitos internos para se aceitarem e serem aceitos pelos familiares e a sociedade. Naquelas sociedades cujas representações simbólicas são rígidas, há a ilusão de maior estabilidade e, conseqüentemente, a definição de funções e de papéis rígidos e bem determinados. Nelas, o grau de segurança pode ser estruturante para uns e excluirá aqueles que não incorporam tais parâmetros.

Esses exemplos têm a simples função de sinalizar que, em vários momentos da história da humanidade, o homem passou por períodos críticos de maior desequilíbrio psíquico quanto às representações simbólicas capazes de funcionar como elementos estáveis no modo de ser, pensar e agir.

Os imaginários das sociedades são produtos das projeções de seus integrantes e não correspondem à somatória das projeções de cada um. Quanto maior for a percepção e definição de si dentro de condições de flexibilidade pessoal e social, maiores serão as disponibilidades internas para se aceitarem opções conscientes e inconscientes próprias e dos demais.

A violência surge quando as pressões internas ou externas ultrapassam os limites de tolerância de cada um para metabolizá-las e transformá-las em pensamento ou ações aceitáveis. Questão complexa, pois o que é aceitável para uns pode não ser para outros. Há sempre o risco de o sujeito não encontrar uma forma adequada de dar vazão aos conflitos e a tensão se transforma em um ataque ao corpo, ou a si, ou ao meio (*acting out*) devido a carências simbólicas, exigências narcísicas, superegóticas ou comportamentos incorporados pela cultura (agressão à criança, cultura machista, preconceitos etc.).

Há, entretanto, momentos nos quais a descarga contra o meio se faz necessária para a preservação do sujeito, ou como meio de comunicação e modo de atenuar o sofrimento. São violências contra o próprio corpo (manifestações psicossomáticas) ou na forma de depressão tão comuns na atualidade. Viverá melhor quem souber dançar conforme a música. Agora, os que não sabem dançar sofrem, e cabe à sociedade cooperar e oferecer procedimentos que atenuem o sofrimento na perspectiva de descobrirem e aprenderem como lidar com as novas situações.

A intensidade de estímulos vividos na contemporaneidade adquire o caráter de violência, na medida em que as tensões causadas por eles transgridem os limites dos seres humanos em suas realidades física e psíquica, ao atingirem suas realizações éticas, estéticas, políticas, religiosas, desrespeitando os direitos

fundamentais dos seres humanos. O agressor, por sua vez, nem sempre se sente responsável por ter de responder por direitos e deveres em relação ao outro, a quem olha como um simples e puro objeto.

Em contrapartida, pode-se dizer que ser uma pessoa saudável é ter a capacidade para se deprimir e entrar em contato com o conflito interno existente no *self* e ser também capaz de percebê-lo fora dele na realidade compartilhada.

Necessitamos da utopia, do sentimento de fé, para direcionar nossas energias e esperanças, ainda que sabedores do inalcançável, no encaminhamento de nossas pulsões. É desejável que nossa sociedade redescubra a ética que permita um viver saudável capaz de controlar e direcionar a atividade sádica intrínseca à natureza humana (Levisky, 2102b).

Minerbo (2013, p. 33) diz:

na impossibilidade de simbolizar e de integrar as experiências, a pulsionalidade permanece em estado de desligamento. Inundado pelo excesso de energia livre, o psiquismo pode ser levado a estratégias defensivas radicais, configurando, como veremos adiante, o campo da psicopatologia psicanalítica [...] O mal-estar na pós-modernidade ligado à fragilidade do símbolo é um sofrimento existencial [...] com a forma de subjetividade da época. É uma forma de ser. No plano da psicopatologia encontramos: o sofrimento ligado à experiência de vazio, de falta de sentido e de tédio existencial; atuações, nas quais a violência pulsional permeia as relações intersubjetivas.

Souza Martins (2014, p. E3) tenta compreender os episódios de vandalismo ocorridos em São Paulo e Maranhão em meados de 2013 e janeiro de 2014. Além das questões específicas de cada uma das situações, parece existir um denominador comum, qual seja: “Têm uma identidade grupal e querem mostrá-la. Querem dizer alguma coisa [...] Atacam a sociedade ao atacar seus símbolos, aquilo que a representa. Estão em conflito com o que julgam representado pelo que destruíram”. Quanto às chacinas havidas em São Luís do Maranhão, os autores intelectuais dos crimes “dizem quem são, identificam o inimigo, identificando-se simbolicamente”. Há um conflito racial entre brancos e negros ou pardos. “Essa polarização pode ser acidental, mas pode ser indício de uma racialização do conflito social”. “É uma forma de demonstrar que quem manda não é quem está no poder”. Evidenciam-se outras motivações, mas é inegável a existência de conflitos determinados por elementos simbólicos cujas análises dos significados e dos significantes são distintas da ética que se pretendia que fosse comum a todos.

Na expressão literária simples, objetiva, sincera e profunda de Barbery (2011, p. 276-277), pode-se identificar conteúdos de sabedoria psicanalítica reveladores dos conflitos existenciais da contemporaneidade. Acredito que eles estejam presentes em diferentes momentos críticos da cultura, símbolos até então estáveis que sofrem transformações e colocam em confronto e risco angústias inerentes aos processos de desenvolvimento do homem:

Então, de repente pensei: Théo talvez tenha vontade de queimar carros mais tarde. Porque é um gesto de cólera e de frustração, e talvez a maior cólera e frustração não seja o desemprego, não seja a miséria, não seja a ausência de futuro: seja a sensação de não ter cultura, porque a pessoa está dilacerada entre culturas, símbolos incompatíveis. Como existir se não sabemos onde estamos? Se é preciso assumir ao mesmo tempo uma cultura de pescadores tailandeses e de grandes burgueses parisienses? De filhos de imigrantes e de membros de uma velha nação conservadora? Então, queimam os carros porque quem não tem cultura não é mais um animal civilizado: é um bicho selvagem. E um bicho selvagem, isso aí queima, mata, saqueia. □

Abstract

Reflections on violence, postmodernity and transformations in subjectivity processes

The author remarks the qualitative and quantitative relevancy of affective links for the development of representational activities of the mind. Mutual actions between subject, family and culture determine signs, symbols, signifieds and signifiers. Relational life contains the culture and intervenes in it, thanks to human creativity and its multiple languages in the constitution of subjectification processes. These complex psychic processes undergo transformations and mutations at varying speeds. Symbolic features of modernity and postmodernity are analyzed in their representational aspects. These transformations bring metapsychological issues, due to changes imposed by the ego, superego, ego ideal, defense mechanisms, narcissistic structure and perceptual-cognitive functions. The author suggests the existence of processes equivalent to the adolescents' mourning, with disinvestments and reinvestments of signifieds and signifiers, necessary for their adaptation to new individual and collective existential circumstances.

Keywords: symbolic representation, culture, links, psychic apparatus, subjectification, violence, postmodernity.

Resumen

Reflexiones acerca de la violencia, la posmodernidad y las transformaciones en los procesos de subjetividad

El autor parte de la relevancia cualitativa y cuantitativa de la formación de los vínculos afectivos para el desarrollo de las actividades representacionales del psiquismo. Signos, símbolos, significantes y significados son determinados por la acción recíproca sujeto – familia – cultura. La vida relacional contiene a la cultura y en ella interviene gracias a la creatividad humana y sus múltiples lenguajes en la constitución de los procesos de subjetivación. Se trata de procesos psíquicos que son complejos, los que sufren transformaciones y mutaciones en diferentes velocidades. Las características simbólicas de la modernidad y de la postmodernidad son analizadas en los aspectos representacionales. De estas transformaciones aparecen cuestiones metapsicológicas de acuerdo a los cambios impuestos al Yo, Superyó, Ideal del Yo, mecanismos de defensa, estructura narcisista y funciones perceptivo-cognitivas. El autor sugiere la existencia de procesos equivalentes a los *duelos* vividos por los adolescentes con desinvestiduras y reinvestiduras de los significados y de los significantes necesarios para la adaptación a las nuevas circunstancias existenciales individuales y colectivas.

Palabras clave: representación simbólica, cultura, vínculos, aparato psíquico, subjetivación, violencia, pos-modernidad.

Referências

- Attali, J. (2007). *Amours: histoires des relations entre les hommes et les femmes*. Paris: Fayard.
- Barbery, M. (2011). *A elegância do ouriço*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bauman, Z. (1999). *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Carr, N. (2011). *O que a internet está fazendo com nossos cérebros: a geração superficial*. Rio de Janeiro: Ed. Agir.
- Cyrulnik, B. (2003). *Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana*. Porto: Instituto Piaget.

- Ferreira, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975 p. 899.
- Freud, S. (1930). *El malestar en la cultura*. In S. Freud, Obras completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva,3:3017- 3067, 1973.
- Le Goff, J. (1980). *Time, work and culture in the Middle Ages*. Chicago: University of Chicago Press.
- Levisky, D.L. (1997, 13 de maio). Adolescência e violência: uma sociedade carente de pai e mãe. *Jornal Folha de São Paulo. Caderno Cidade*.
- Levisky, D.L. (2004). *Um monge no divã: a trajetória de um adolecer na Idade Média Central*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Levisky, D.L. (2012a). O hiper-realismo interfere na produção da Fantasia?, *Rev. Alter de estudos Psicanalíticos*,30:83-94, Brasília.
- Levisky, D.L. (2012b). Tendências antissociais: teorias e práticas preventivas a partir do conceito de espaço transicional. In I. Sucar & H. Ramos, *Winnicott: ressonâncias*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Minerbo, M. (2013). Ser e sofrer, hoje. *Ide (São Paulo) Psicanálise e cultura*, 35(55): 31-42.
- Souza Martins, J. (2014, 12 de janeiro). Jaz em paz: ressentimentos oportunistas. In *Jornal o Estado de São Paulo, Aliás*, p. E3.

Recebido em 27/01/2014

Aceito em 28/05/2014

Revisão técnica de **Vânia E. Dalcin**

David Léo Levisky

Rua Bruno Lobo, 218

05578-020 – São Paulo – SP – Brasil

e-mail: davidlevisky@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA